

AGRESSÃO A IDOSOS E EMPATIA: PESQUISA-INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Valdeilma de Freitas Alves ¹
Marília Pereira Dutra ²
Lilian K. de S. Galvão (orientadora) ³

RESUMO

A população idosa tem aumentado e, de modo concomitante, também tem crescido o número de casos de violência contra idosos. Defende-se, no presente trabalho, que uma estratégia válida para promover a redução da incidência de ações agressivas é o processo educativo, intermediado pela sensibilização empática, tendo como fundamento teórico e metodológico os estudos que demonstram que a promoção da empatia reduz a agressividade. A empatia é entendida como uma habilidade social que permite ao sujeito a experiência de se colocar no lugar do outro. Partindo desses pressupostos, o objetivo deste trabalho é promover entre alunos/as do ensino fundamental o respeito aos idosos por meio da sensibilização empática. Trata-se de uma pesquisa-intervenção amparada pela técnica racional-afetiva de L. Galvão, realizada com crianças do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Campina Grande – PB, com idades entre 9 e 11 anos. Utilizou-se o diário de campo para registro dos dados que, posteriormente, foi submetido à análise de conteúdo de M. Minayo. As intervenções foram realizadas por meio das etapas: aquecimento, dramatização, compartilhar e comportamento pró-social. Os resultados mostraram que a promoção da sensibilização empática é um recurso que favorece a redução de comportamentos agressivos, promove a reflexão e motiva práticas altruístas. Espera-se que este trabalho inspire outros e fomente reflexões para práticas profissionais direcionadas ao respeito ao idoso nos mais variados espaços.

Palavras-chave: Agressão, Idosos, Empatia, Intervenção.

INTRODUÇÃO

A população idosa tem crescido de forma considerável nos últimos anos. Este fenômeno associa-se a queda da fecundidade vista, principalmente, nos países desenvolvidos, e ao aumento da expectativa de vida decorrente das melhorias nas condições sociais, sobretudo, na área da saúde. A partir da década de 1970, começou-se a se pensar a construção de um campo teórico e epistemológico, com vistas a fomentar reflexões, por meio da ciência, tecnologia e sociedade (CTS), acerca do processo de envelhecimento ativo (WJA, 2016).

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, valdeilmaalves@gmail.com;

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mdutraccg@gmail.com;

³ Professora orientadora, Doutora em Psicologia, Docente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, liliangalvao@yahoo.com.br;

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), de 2017, a previsão é que, no ano de 2060, 1 em cada 4 brasileiros terá mais de 65 anos de idade, aumentando a porcentagem de idosos de 9,2% atuais para cerca de 25,5% (ALVARENGA; BRITO, 2019). Diante desses delineamentos, surgem novos desafios. Entre eles, a própria definição do termo velhice o qual pode ser entendido como o resultado de uma construção social e temporal de uma sociedade, com base em seus valores e regimentos (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Para Birman (1995), a representação do idoso é demarcada historicamente e norteia os discursos e práticas de inclusão e exclusão do idoso no campo social. Visto isso, pesquisas apontam (AGUIAR et al. 2015; BOLSONI et al., 2016; SILVA; DIAS, 2016) o aumento da violência contra o idoso, relacionando-o ao modo como enxergamos a velhice na sociedade capitalista atual em que o idoso, na maioria das vezes, não é percebido como produtor de capital e, por vezes, é descartado socialmente.

No Brasil, os idosos, em sua maioria, vivem com seus familiares. De modo concomitante, os casos de violência contra a pessoa idosa majoritariamente acontecem no ambiente/contexto familiar. Segundo dados colhidos da pesquisa de Silva e Dias (2016), dois terços dos agressores são os filhos, noras/genros e cônjuge, sendo a agressão verbal a mais praticada, seguida pela física e financeira. Também, foi constatado, neste estudo, a ocorrência ou vivência de violência na infância de alguns acusados de agressão.

Para tentar diminuir a agressão dirigida aos idosos, defende-se, no presente trabalho, que uma estratégia válida seja o processo educativo, intermediado pela sensibilização empática desde a infância (GALVÃO, 2010). Para tanto, o fundamento teórico e metodológico adotado está pautado nos estudos que demonstram a promoção da empatia uma possibilidade para a redução da agressividade (GARIAIGORDOBIL; GALDEANO, 2006; PAVARINO; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005). Hoffman (1989) conceitua a empatia como uma experiência vicária na qual um sujeito vivencia uma resposta afetiva que é mais adequada a uma outra pessoa do que a ela mesma.

Diante do discorrido, o objetivo deste trabalho é promover entre alunos/as do ensino fundamental o respeito aos idosos por meio da sensibilização empática. Destaca-se que a discussão e análise apresentadas é um recorte de um projeto maior sobre intervenções empáticas e agressividade na escola referente a uma das experiências. Ressalta-se, também, que há uma carência de trabalhos acadêmicos nessa área. Entende-se que essa ferramenta poderá possibilitar uma cultura escolar capaz de despertar na criança uma sensibilização para atuar nos espaços como agente de transformação social.

METODOLOGIA

A proposta trata-se de uma pesquisa-intervenção realizada com a participação de 15 aluno/as de uma escola municipal de Campina Grande - PB, com idades entre 9 a 11 anos, do sexo masculino e feminino de uma mesma turma do 4º ano do ensino fundamental, provenientes da comunidade local. O grupo é caracterizado como homogêneo no que se refere às características socioeconômicas e contexto cultural. Foram realizados 12 encontros ao longo de 2 meses sobre temas referentes às formas mais recorrentes de agressão mencionadas na literatura. Será apresentado o resultado do trabalho com o tema “agressão contra idosos e empatia” (Quadro 1).

Quadro 1 – Sistematização da intervenção “agressão contra idosos e empatia”

TEMA: Agressão contra idosos e empatia

RECURSOS: Vídeo “combate a violência contra idosos”; slides com fotos; áudios com frases ofensivas aos idosos; ataduras; gaze; material TNT; saco plástico com areia e o vídeo do teste do Coronato intitulado “maltratando idosos”.

TÉCNICAS: Dramatização

OBJETIVO: Propiciar um espaço para que as crianças possam refletir sobre a agressão contra os idosos, com vistas a promover o exercício empático.

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Os dados coletados durante a execução da intervenção foram registrados em um diário de campo e, posteriormente, analisados à luz da análise de discurso de Minayo (2001). As intervenções foram pensadas e amparadas na técnica racional afetiva de Galvão (2010) que visa promover o desenvolvimento empático mesclando exercícios imaginativos, fundamentados no psicodrama, com o uso de rodas de conversa. O encontro teve a duração de 60 minutos. A intervenção foi mediada por uma coordenadora da pesquisa e duas auxiliares. A coleta de dados seguiu o procedimento ético padrão, sendo aprovada pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos (CAAE: 91791518.6.0000.5182).

DESENVOLVIMENTO

Etimologicamente, o termo empatia deriva da palavra grega *empathia* que abrange dois significados: “*paixão*” ou “*ser muito afetado*”. Esse construto foi e é objeto de estudos das ciências humanas, entre elas, a sociologia, a filosofia e a psicologia (SAMPAIO; CAMINO, ROAZZI, 2009). Nesta última área do conhecimento, há estudos a partir de 1909 pelo estruturalista norte-americano Titchener que define a empatia como um processo de conhecer

a consciência de outro indivíduo e, com isso, raciocinar de maneira parecida em uma espécie de imitação interna que resultaria na tentativa de compreender o outro, considerando que estes possuísem os mesmos níveis intelectuais e morais (WISPÉ, 1986).

Desde os primórdios do surgimento da Psicologia, os estudos sobre empatia acompanham os mais variados campos psicológicos, abrangendo as áreas da psicologia experimental, do desenvolvimento, da aprendizagem e da psicologia social, incluindo, assim, a empatia como construto do desenvolvimento social humano. Segundo a revisão bibliográfica realizada por Formiga (2012), a empatia está relacionada com a moralidade, com o comportamento pró-social, com a justiça, com a culpa, com a emoção, com a cultura, etc.

Mesmo com a existência desses estudos, a prática da empatia nos diversos espaços ainda é muito carente, principalmente, nos âmbitos educacionais que é o foco deste trabalho. Estudos apontam, a exemplo das colocações de Justo, Carvalho e Kristensen (2014), que a empatia é um importante recurso para o desenvolvimento de habilidades interpessoais e, dessa forma, pode ocorrer uma melhora e qualidade nas relações que são/serão desenvolvidas ao longo da vida.

Diante das transformações ocorridas ao longo do tempo, vários conceitos sofreram modificações e, portanto, ressignificações. O termo infância, desde o século XII até início do século XX, vem sendo objeto de nomeação pelas diversas sociedades. De início, não havia lugar social para os infantes, sendo esses considerados e tratados como adultos em miniatura (ARIÉS, 1978). Na modernidade, surgiu o intitulado sentimento de infância, tal como conhecemos hoje. Esta passou a ser entendida como uma fase e que apresenta suas peculiaridades. Um dos principais pontos acerca dessa mudança são os processos educativos. Atualmente, há todo um aparato técnico/metodológico para o ensino das crianças, que são consideradas sujeitos em formação. Subentende-se que estas irão aprender a partir de suas experiências que são singulares. Sendo assim, ressalta-se a importância do desenvolvimento do construto empatia, competindo à família e à escola auxiliarem neste processo, pois são as primeiras instituições nas quais a criança se insere.

Posto isso, faz-se necessário nos atentarmos para um dos principais problemas enfrentados na educação nos dias atuais: a agressividade. Esta tem sido objeto de estudo de várias ciências que apontam que a agressão está relacionada a fatores de risco ao desenvolvimento e à aprendizagem (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003; WALKER; SPRAGUE, 1999). Embora haja uma dificuldade em conceituar a agressividade, diferentes autores, de acordo com Pavarino, Del Prette e Del Prette (2005), a conceituam como um

comportamento social que visa produzir dano a outro indivíduo e que pode aparecer muito cedo na infância, causando consequências de curto e, principalmente, de longo prazo.

Pertinentes a este estudo, dados da pesquisa de Silva e Dias (2016) traçam um perfil sociodemográfico de familiares que respondem a processos judiciais por violência contra o idoso. Foi constatado que determinados acusados desses crimes são fruto de um contexto de violência que pode ter contribuído para reprodução desses comportamentos agressivos. Nesse cenário, é importante que se construam espaços que tenham potencialidades para contribuir com processos formativos para além dos conteúdos acadêmicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A intervenção foi dividida em quatro momentos: aquecimento, dramatização, compartilhar e missão do dia (comportamento pró-social).

Aquecimento

A fase do aquecimento é destinada à preparação do grupo para a realização da vivência e funciona como uma espécie de “quebra gelo”. De início, as crianças estavam ligeiramente calmas e demonstraram ansiedade para adivinhar o tema, efeito esse visto em outras intervenções. Quando foi mencionado, pela coordenadora, que o tema seria “agressão contra idosos”, surgiram alguns comentários que revelaram que o tema era conhecido pelas crianças:

“a mulher que minha vó cuida, só vive levando pisa dos filhos” (J.B).
“eu já vi isso na internet” (E).

Em seguida, foi mostrada uma apresentação de slides, com duração de cerca de 5 minutos, que retratava três histórias fictícias de situações cotidianas vivenciadas por idosos de casos de maus tratos, abandono e violência em que os agressores eram pessoas da família (neto e filho). Durante a exposição, foi percebido, nos rostos das crianças, que elas estavam incomodadas e outras indignadas diante das situações expostas. A partir das falas das crianças, também se constatou a manifestação de diferentes sentimentos como, por exemplo, a raiva empática, principalmente na história em que o neto agride a sua avó. A raiva empática é o sentimento de raiva sentido por alguém que ofendeu, prejudicou ou machucou um terceiro, mesmo que ele não esteja diretamente envolvido com a situação (HOFFMAN, 2000).

“O neto dela foi preso? Safado” (T).

Emergiu, também, no discurso das crianças, a menção à lei Maria da Penha, nº 11.340, sancionada em 2006, que “cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher” (BRASIL). Esta lei foi apontada por algumas crianças como ferramenta a ser utilizada pela avó agredida, tendo em vista que ela era mulher e tinha sido agredida pelo seu neto (homem). Durante esse momento, notou-se que uma criança (E), do sexo feminino, chorou discretamente e não compartilhou o motivo. A reação de E. remete ao conceito de angústia empática, proposto por Hoffman (2000), que se refere a sensações afetivas de incômodo, desconforto ou angústia vivenciadas no *self* quando se percebe que outras pessoas estão passando por alguma fatalidade.

Dramatização

As crianças foram divididas em grupos no momento da dramatização. A proposta consistia em colocar acessórios nos corpos das crianças que as fizessem vivenciar algumas dificuldades que os idosos enfrentam no dia a dia, levando-as a “sentir na pele o que é estar no corpo de um idoso”. Os recursos foram: vendas nos olhos, ataduras nos joelhos e braços e coletes com saquinhos de areia nos bolsos. Como era esperado, o uso dos recursos incomuns acabou se tornando uma experiência lúdica, mas, acima de tudo, única, por fazê-los se colocar no lugar de um idoso com limitações físicas.

Depois de colocados os acessórios em todas as crianças, elas foram convidadas a caminhar pela sala, ouvindo um áudio que continha frases que, não raramente, são proferidas a idosos, a saber: “anda mais rápido, velho!”; “você só me atrasa!”; “seu velho chato, não consegue fazer nada”; “tudo você me pede, estou de saco cheio de você”; “só sabe reclamar de dor”; “você está môco, é?”. Embora algumas crianças não tenham dado a seriedade desejada à vivência, observou-se que o momento sensibilizou boa parte dos participantes. Uma criança que sempre se fez colaborativa, sentou-se no momento da atividade demonstrando está vivenciando um momento de angústia empática (HOFFMAN, 2000).

Compartilhar

Foi aberta a roda de conversa com a seguinte pergunta: “como vocês se sentiram?”. As respostas giraram em torno da palavra “mal” e foi completada por frases que demonstravam indignação com a agressão sofrida pelos idosos: “a pessoa doente e eles fazendo isso” (J. B). A fala de determinadas crianças confirmou que já haviam presenciado situações de agressão verbal contra o idoso. As mesmas ressaltaram nunca ter praticado esse tipo de agressão.

Comportamento pró-social

Por fim, foi realizado o momento da missão do dia. Esta atividade consistiu em os participantes escolher um idoso do convívio (ou não) e praticar um gesto gentil com ele ou junto dele. Alguns exemplos de gentilezas foram sugeridos: parar para conversar, vivenciar um momento com o idoso, fazer refeições juntos, elogiar, ajudar com alguma sacola e atravessar a rua.

Neste momento, de construção da ideia a respeito do que se poderia fazer para ajudar um idoso, percebeu-se que algumas crianças se emocionaram, Essa reação demonstra a ocorrência de um processo de sensibilização empática dirigida aos idosos que sofrem agressão. E, em consonância com o que defende Hoffman (2000), a promoção da empatia contribuiu como elemento motivador para a prática de ajuda e solidariedade ao outro, no caso em análise, o idoso.

No encontro seguinte, quando questionados sobre a missão do dia, todos compartilharam suas experiências. Dentre os atos pró-sociais realizados pelas crianças, destacam-se: lanchar com um idoso; ajudar a carregar as sacolas de feira de uma senhora idosa; conversar e cumprimentar um idoso; e visita aos avós. Sobre a relação entre ação pró-social e empatia, Hoffman (2000) afirma que embora a ajuda, baseada na empatia, faça as pessoas se sentirem bem, reduzindo o sofrimento empático e proporcionando alívio, o principal objetivo de um comportamento de ajuda, baseado em uma empatia genuína, é aliviar o desconforto da vítima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados encontrados, pode-se afirmar que a intervenção possibilitou a sensibilização empática dos participantes em relação ao tema, resultando em atos pró-sociais. Entretanto, algumas reflexões precisam ser feitas referentes às limitações do estudo, como a necessidade de aprimoramento da estratégia da dramatização utilizada, tendo em vista as dificuldades sentidas para sua execução, pois gerou dispersão de algumas crianças em certos momentos.

Além disso, trata-se de uma intervenção isolada, com um público específico, o que limita a generalização desses achados. Porém, acredita-se, com base nesses resultados, somados com o conjunto das outras intervenções realizadas nesse projeto, que este estudo poderá servir para os profissionais da educação que queiram colocar em prática este modelo interventivo no

âmbito escolar e social, com sujeitos das mais variadas faixas etárias, para contribuir para a construção de uma cultura de paz.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. P. C.; LEITE, H. A.; DIAS, I. M.; MATTO, M. C. T. DE; LIMA, W. R.. Violência contra idosos: descrição de casos no Município de Aracaju, Sergipe, Brasil. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, vol. 19, n. 2, 2015.

ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ALVARENGA, D.; BRITO, C. **Reportagem sobre o aumento da população idosa**. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/07/25/1-em-cada-4-brasileiros-tera-mais-de-65-anos-em-2060-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em 06 Mar. 2019.

BIRMAN J. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: VERAS, R. P. (org.). **Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, UNATI-UERJ, 1995. p. 29-48.

BOLSONI, C. C. et. al. Prevalência de violência contra idosos e fatores associados, estudo de base populacional em Florianópolis, SC. **Rev. bras. geriatr. gerontol.** [online]. 2016, vol.19, n.4, p.671-682.

BRASIL. **Decreto n 11.340**, de 7 DE AGOSTO DE 2006. Lei Maria da Penha. Brasília, DF, agosto, 2006.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem**: questões conceituais, avaliação e intervenção. Campinas: Alínea, 2003.

FORMIGA, N. S. Os estudos sobre empatia: reflexões sobre um construto psicológico em diversas áreas científicas. **Psicologia. PT- O portal dos psicólogos**, 2012.

GALVÃO, L. K. S. Desenvolvimento moral e empatia: medidas, correlatos e intervenções educacionais. **Tese de Doutorado**, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

GARIAIGORDOBIL, M.; GALDEANO, G. de P. Empatia en niños de 10 a 12 años. **Psicothema**, v. 18, n. 2, 2006, p. 180-186.

HOFFMAN, M. L. **Empathy and moral development**: implications for caring and justice. New York: Cambridge University Press, 2000.

HOFFMAN, M. L. Empathy, role-taking, guilt and development of altruistic motives. In: EISENBERG, N.; ROYKOWSKY, J.; STAUB, E. (Org.). **Social and moral values**: individual and societal perspectives, Hillsdale: N. J. Erlbaum, 1989, p.139-152.

JUSTO, A. R.; CARVALHO, J. C. N.; KRISTENSEN, C. H. Desenvolvimento da empatia em crianças: a influência dos estilos parentais. **Psic., Saúde & Doenças**[online]. vol.15, n.2, 2014, p.510-523.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAVARINO, M. G., DEL PRETTE, A., DEL PRETTE, Z.A.P. **Agressividade e Empatia na infância: Um estudo correlacional com pré-escolares**. Interação em Psicologia, 2005.

SAMPAIO, L. R.; CAMINO, C. P. S; ROAZZI, A. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. **Psicologia: ciência e profissão** [online], vol. 29, n.2, 2009, p. 212-227.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estud. psicol. (Campinas)** [online], vol.25, n.4, 2008, p.585-593.

SILVA, C. F. S.; DIAS, C. S. B. Violência contra idosos na família: motivações, sentimentos e necessidades do agressor. **Psicol. cienc. prof.** [online]. 2016, vol.36, n.3, p. 637-652.

WALKER, H. M.; SPRAGUE, J. R. The path to school failure in delinquency and violence: casual factures and some potential solutions. **Intervention in School and Clinic**, vol. 35, p. 67-73, 1999.

WISPÉ, L. The distinction between sympathy and empathy: To call forth a concept, a word is needed. **Journal of Personality and Social Psychology**, vol. 50, n. 2, p. 314-321, 1986.

WJA, P. **Processos de envelhecimento ativo e algumas dimensões sociais da ciência e tecnologia**. Universidade Federal de São Carlos. Medicina (Ribeirão Preto) 2016.

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Cleonice Camino, por ter colaborado na idealização desse projeto. À Larissa Reis Alves, por ter auxiliado nas intervenções realizadas. Ao CNPq, pelo financiamento de bolsas de pesquisa.